

08-06-2022

## RECLAMAÇÕES DE UM TEXTO NÃO LIDO

**Rodrigo Emídio Silva**

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.  
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Quem é você que me lê? Me veio essa dúvida.

Costumo imaginar que o meu leitor acorda meio apressado, sem despertar direito cai da cama.

A casa, recolhida no sono proletário, acorda com os desarranjos do seu intestino. No banheiro, você abre o celular e entra em mim. Tempo e espaço espremidos te fazem me ler rapidamente. Eu preciso dessas linhas iniciais para te chamar atenção. Para te prender, faço o primeiro parágrafo invocado. Se gostou do início, voltará. Talvez. Há uma certa possibilidade de ser esquecido ao sair pela porta. No mundo das imagens, a palavra perde longe para os vídeos de 30 segundos do tiktok. Perdi sua atenção para uma dancinha engraçada. Fui esquecido nas infinitas abas do aplicativo do seu celular. E assim flerta comigo o dia todo.

Pisca atenção e, por segundos, acho que serei totalmente lido, chega uma mensagem no Whatsapp e você precisa responder à pergunta sobre o imposto de renda.

A contadora exige recibos. O desejo de não cair nas mãos do leão te derruba das asas da literatura. Sou paciente, mas deixar de ser lido por uma fofquinha me dá nos nervos. Não te xingo, digo apenas aquilo o que vim dizer. Eu também ouvi o áudio que recebeu, meu caro anônimo, sou os ouvidos e os olhos do mundo.

E a história do envolvimento amoroso da sua colega com o chefe é picante. Gosto de fofocas. Eu sou um alcoviteiro de terno paragrafado e de gravata de vírgulas.

Quem é você leitor? Conte-me. Já percebeu meus tiques semânticos? Percebo que sou cheio de talvez e sempre, há em mim a contradição adverbial de dúvidas e certezas. Prefiro as frases curtas. Pontos finais são bem-vindos. Existem uns companheiros prolixos que não tomam ar no discurso; são sovinas com os pontos finais e encavalam as palavras. Mas pior doença textual é a logorreia, falar demais e sobre o mesmo assunto entedia. Essa condição psíquica mata a expectativa do leitor, a literatura contemporânea sofre dessa neurose.

Levantam uma bandeira de militância estético-literária e parece que o mundo começa e termina por ali mesmo.

A literatura logorreica mata a surpresa do texto. O tema torna-se maior do que o próprio texto. Comentam mais sobre o escritor do que ele escreve e como ele escreve.

Nesse movimento, o que menos importa é o texto.

A arte engajada é a inegociável liberdade. O texto é sobretudo um ponto de ruptura e não meramente a representação. Carrega a vontade. É quase noite, e ainda não me leu por completo. Sou uma página, quase mil palavras. Percebo que é disperso no oceano de assuntos. Volta ao banheiro com o celular. Penso: agora vai me tirar para passear. Nada. Resolveu assistir um podcast no Youtube. Começo a achar que não fomos feitos um para outro. Com ares narcisistas, aspiro a vontade de ser famoso e você respira o letárgico esquecimento da efemeridade. E olha que sou qualificado como crônica, o gênero dos instantes e dos escritores impacientes.

Desisto. Do outro lado da cidade, no outro canto do país, alguém me posta no grupo de Whats. Elogiou, bateu palminhas, comentou umas das minhas passagens, mas não me leu. Fui passado para frente com sentimento de ter sido passado para trás. E assim foram os dez elogios que recebi, todos feitos ao autor e nenhum endereçado a mim: o texto. Elogiam o escritor no gesto de bajulação, chamam-no de maravilhoso, magnânimo e espetacular. No sindicato dos textos esquecidos, a nossa pauta de greve é contra os falsos leitores puxa-sacos.

Validam a bajulação acrílica. Gostam de tudo.

Não se atêm aos preceitos estéticos na elaboração do argumento. Se é amigo, chefe; despejam elogios.

Quando percebemos a demasiada adulação somos birrentos, demoramos abrir; o download demora, esperneamos tanto que o sistema operacional do celular trava. Ler para esse tipo de gente é uma pequena negociata estratégica de inflar o ego do autor.

Você pode enganar o escritor, mas não a mim: o texto.

Sei muito bem que aquele elogio foi forçado.

Conheço-me. Sei que espetacular é um adjetivo meio exagerado. Todo texto tem seus cúmplices.

Alguns possuem legiões de seguidores, outros são lidos apenas pelos seus criadores. Contudo, os escritores que leem seus próprios textos jamais serão somente leitores, carregam a marca maldita da insatisfação, acham defeitos a cada nova leitura. Uma nova frase surge, outra é retirada. Reticulo novas ideias sobre as postas na página escrita. Para os escritores sou cativo domínio da sua consciência. Pobrezinhos. Sou eu que os misturo ao mundo. Leitores e escritores quando são invadidos pelas palavras, o corpo e a alma estremece. No recôncavo da existência, estarei nos seus olhos. Seu tato estará carregado de signos. Escrita e leitura, como campo de forças, são agentes semiotizadores dos atos de cartografar o caos do cotidiano. Somos nós, os textos, que organizamos a loucura, construímos o seu olhar.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*